

Director-Editor
FERREIRA DA SILVA

a quem deve ser dirigida toda a
correspondencia

Endereço telegraphico
«ALGARVE» — Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não
publicados, e não se aceitam informações
anonimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 21 de maio de 1921

ASSINATURAS

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes... 1200
Colonias e Estrangeiro... 2300

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Na 3.ª e 4.ª pagina, cada linha 3

Nas outras paginas, contra-coto
especial

Composto e impresso na Tipo-
grafia d'«O Algarve»

RUA DE ALPORTEL, N.º 23—FARO

REGIONALISMO

I

Convém definir a ideia que nós temos, do que deve ser o regionalismo para que bem definidos fiquem os nossos intuitos ao defendel-o e ao propagal-o. Obriga-nos a isto, não só o que por ahí se architecta, ao falar-se das reivindicações regionalistas do Algarve, mas ainda as tendências da politica para fazer naufragar o movimento que se acentua, atribuindo-lhe ideias e fins mais ou menos acomodados ás diversas facções e que se não compadecem com os verdadeiros interesses regionaes, se, como deve ser, o regionalismo tem que subjugar a politica, os partidos, as coteries, as seitas, tudo o que arvora taboletas politica para justificar interesses inconciliaveis, vaidades exasperadas, odios mesquinhos.

O regionalismo é, sentimentalmente, o culto da terra que nos viu nascer, abrangendo a região cujos caracteres ethnicos, historicos, climatericos e orograficos, lhe marcaram um lugar distincto no conjunto da nacionalidade.

Esse culto, esse amor alto e nobre, não se manifesta por palavras. Ser regionalista é facil de apregoar mas não é facil de praticar. Para que a doutrina do regionalismo frutifique, se fortaleça e se dignifique, é preciso que o novo evangelho seja pregado com tenacidade e exercido com dignidade e persistencia. E' preciso que a palavra seja bem sincera, bem sentida e o exemplo seja bem alto e bem nobre.

Não é regionalista quem quer mas quem, acima das suas tendências politicas e acima das suas vaidades de baírrismo mesquinho, souber e quizer pôr o bem da sua região, o verdadeiro interesse e amor da sua terra. Ante o interesse da região cessam os interesses e a obra dos corrilhos, a

politica de campanario, a acção degradante da regedoria.

O espirito regionalista é, pois, uma alta ideia dignificadora e um sentimento altruista que só pôde engrandecer os que o propagam, os que o exercem e os que o acatam.

Mas este culto, como todos os que dimanam do sentimento e da intelligencia bem orientados, tem que ser generoso e acolhedor e não de ortodoxia fechada, intolerante, já com respeito a nacionalidade, já com respeito aos homens. E essa generosidade e essa tolerancia, tem de ser bem infiltrada no animo de todos para desbravar caminho e evitar atiltos.

Pereçam os extremistas e todos os especuladores da politica, das desigualdades sociaes e dos conflictos economicos, a ideia de que regionalismo orientado e consciente quer separar o Algarve da nacionalidade em que ele ha tantos seculos se acha integrado. O absurdo é de tal grandeza que só em cerebros de paranoicos ou de ignorantes ele pôde germinar. Nem as tradições do povo algarvio o permitem nem as suas condições economicas o consentem. E cremos interpretar tambem o sentimento e as ideias de todos os algarvios intelligentes e cultos fazendo desta terra um novo palacio de Mourde e com o distico—*Aqui só se consentem algarvios*, porque se na America esse distico é falso, aqui o que poderia produzir era o sentimento do nativismo que é degradante em todo o mundo. Que direito teriam os algarvios de ir, como vão tantos, para outras terras, trabalhar e enriquecer-se, se pensassem pôr em pratica tão espantosa formula sob qualquer aspecto pratico em que ela fosse possivel?

ECOS DA SEMANA

Não publicamos

Foi-nos enviada, em sobrescrito sem timbre, uma nota em que se fala de comissões que se vão nomear para realização do congresso algarvio.

Não a publicamos porque não sabemos donde vem e temos a prevenir quem n'la enviou de que este jornal não é baldio onde qualquer se suponha com direito de entrar sem licença e de chapeo na cabeça. Nós quando entramos em casa alheia pedimos licença e tiramos o chapeo.

Lá que haja quem desconheça esta regra de elemental sociabilidade, desculpavel é, mas que ainda por cima se permitam pensar que temos obrigação de publicar o que lhe interessa parece troça.

E, nós, para troças e mestres de boa educação, estamos velhos.

Congresso

Do Diario de Noticias:

Sr. Dr. Augusto de Castro

Pego a v. o favor duma rectificação ao artigo de hoje, que se refere ao Congresso Algarvio, em que se reproduz a proposta do sr. José Parreira, que efectivamente foi aprovada.

Como presidi á sessão e por isso me cabe a responsabilidade das resoluções tomadas colectivamente pela Comissão Executiva, devo esclarecer que a proposta foi aprovada, em principio, por esta

O CONGRESSO ALGARVIO

FAZ-SE OU NÃO?

Depois do que se tem escrito e depois da que se tem passado sobre o Congresso Regional todos os bons algarvios, todos os que vêem na realização desse acto solene, o mais saliente meio de propaganda do regionalismo até agora posto em pratica, se encontram sem saber se o congresso se realisará ou não. Embora na reunião ha dias realisada no governo civil uma moção fosse votada entregando a junta geral deste districto o encargo de realizar o congresso, muita gente, a maioria, tem a impressão de que esse alto corpo, administrativo nada fará.

E não se pôde dizer que não seja fundada essa opinião de pois dos factos que originam a descrença na acção dos organismos officiaes. O trabalho de organização de um congresso como o que se deve efectivar não tem bastantes elementos de realisação apenas com o prestigio e a acção dum corpo electivo de membros dispersos e que, muitas vezes, nem sequer ás reuniões obrigatorias comparecem, pelo que as resoluções a tomar se adiam e prote-lam.

Depois, as responsabilidades de uns dissolvem-se nas responsabilidades de outros e dão no final uma obra irresponsavel para todos.

Se dentro desses organismos não houver quem tenha boa vontade de trabalhar e de realizar, nada se faz. Ora, essas boas vontados chocam-se a todos os momentos com peias e formalidades que não se compadecem com os meios de acção que é preciso pôr em pratica. E, quando se salta sobre essas formalidades e essas peias, vem a ditadura, que, uma vez em marcha, vai gradualmente adquirindo velocidade até dar os fructos opimos que

nós conhecemos e ate conduzir os que a exercem com as melhores intenções, ás vezes, ás mãos dos que estão ao serviço da Rocha Tarpeia no intuito de subirem elles ao Capitolio.

Vivemos numa terra onde todos nos conhecemos e devemos dizer a verdade.

O successo da carta que produziu o conflito do congresso não foi devido apenas á doutrina de que o congresso devia irradiar da capital da provincia e não de Lisboa para cá, mas ainda ao facto de que ele deve ser feito por quem esteja em contacto directo com os homens e as coisas do Algarve e por pessoas que pela actividade, illustração e prestigio dessem garantias de realisação pratica e immediata e de efectivação de responsabilidades.

Ora os signatarios da carta davam essas garantias e por isso as suas palavras encontraram apoio e solidariedade.

Não é pois de estranhar que tendo esses nomes sido escamoteados por uma moção, os que os aplaudiram e acompanharam sintam inquietação e desconfiança quando os vê substituidos por um corpo electivo que mesmo em frente dos eleitores pode a todo o momento sacudir as suas responsabilidades e que nem aos mesmos eleitores se sente devedor de explicações pelos actos que pratica.

E' preciso acabar com esta situação. E' preciso praticar actos que nos dêem a sensação de que morra a comissão de Lisboa, outro organismo mais forte e adequado a substituiu no seu labor e nos seus intuitos.

Vão nisso os brios dos signatarios da carta dos quaes nunca duvidamos e nos quaes temos absoluta confiança.

A pesca do atum e a pesca da sardinha

A desorientação geral tem reflexão em tudo e os que em questões de pesca gritam contra o perigo hespanhol deviam, primeiro que tudo e para opor uma frente compacta e forte a esse perigo, procurar apaziguar e reduzir as contendas e ambigües que ahí se estão manifestando por uma forma que não nos dá proveito nem prestigio.

Todos sabemos a importancia enorme que para a nossa economia tem as armadilhas do atum pelo seu enorme rendimento em belo dinheiro de contadão. Pois, os armadores dos cercos de sardinha, quando esta tão depreciada está pela pouca procura que têm as conservas e quando para fabricar estas tanta falta de azeite e tanta carestia das materias primas de embalagem existe, lembram-se de pedir ao ministro da marinha a restrição do lançamento das armadilhas de atum! E' espantoso que tal se passe entre portugueses mas, é verdadeiro.

Ora, nós precisamos de declarar que temos o maximo respeito pelos interesses dos armadores de sardinha, mas isto não nos impede de reconhecermos e apoiarmos tambem o direito dos armadores de atum.

O direito destes que é incontestavel a primacia pela sua continuidade e pela sua antiguidade tambem o é pela conveniencia economica da provincia. As armadilhas de atum são muito mais antigas que os cercos e aquelles pelo seu rendimento não são menos preciaes que estes, tendo alem disso a vantagem de que não estorvam por completo aquelles.

A pretensão dos armadores dos cercos é insustentavel pelas razões de facto, que são as que constituem

o direito e só uma justiça vega as poderias sancionar.

Bem sabemos que, agora, os empreiteiros de fortunas não querem saber se não da sua conveniencia, mas a maioria das cidadãos e a redacção das leis ainda se não subordinaram a tal pretensão.

Bem sabemos tambem que os cercos na realisação dessas ideias, não respeitam nem querem saber dos direitos das armadilhas de atum, perturbando-lhes não só a pesca fazendo afastar o peixe, mas iava dando-lhes as aguas, inutilizando-lhes os aparelhos e dando, além disso, aos estrangeiros o mau exemplo do desrespeito e da indisciplina, e vindo até Faro em comboios de prisioneiros maiores que os dos hespanhoes!

Não tem pois, os armadores da pesca da sardinha direito algum para que a sua pretensão seja deferida, e nenhuma razão lhes assiste para excludivamente elles poderem explorar o mar. Os armadores do atum são pelo menos tão portugueses como elles e com o direito igual á vida dentro da nacionalidade a que todos pertencem.

Alem de tudo isso as suas pretensões, não são apoiadas pela boa conducta do seu comportamento, pois não respeitam o direito alheio e dão o mau exemplo que produz a indisciplina e a desordem.

O sr. ministro da marinha e todos os que tiverem de julgar a pretensão não se esquecerão de avaliar todos esses factores que entram na operação para resolver este assunto.

O resultado não pôde ser duvidoso se os direitos de cada um forem respeitados.

PAROLANDO...

O Eugenio na literatura

VI

—Tem razão, a conversa vai larguissima já e eu nunca gostei de exceder os limites da amenidade e nem vale a pena.

Resta-me levantar a accusação de cabotino.

O que é um cabotino? Primeiro que tudo é preciso explicar a significação desse vocabulo que os dicionarios de bom portuguez desconhecem mas que o uso adotou apezar de termos na nossa lingua outras palavras que o substituem. Aquele mestre de critica que já lhe citei, diz a proposito da peça «Cabotinosa», com que Paileron, celebrou a cabotinagem, o seguinte:

«A cabotinagem devia desenvolver-se num tempo de democracia em que o numero é que faz a lei.

Em scena não se está diante de uma elite mas diante duma multidão instenciosa e distraida. Para forçar a sua atenção é preciso carregar o gesto, engrossar a voz e exagerar os efeitos. E como uma necessidade nova cria sempre novos meios de realisação, nós criamos meios de publicidade verdadeiramente maravilhosos; graças aos jornaes, as celebridades surgem de repente todas feitas como os diabos dos alcapões das magicas. O reclamo apodera-se delas e impelle-as para o primeiro plano. O desconhecido de hontem torna-se num dia e por um dia o homem do dia. A gente fica aturdido por todo este barulho. Perde-se a noção exacta das coisas.

Confunde-se a notoriedade com a celebridade. Ninguém se contenta com a gloria, se essa gloria não é acompanhada de celebridade. Um artista, um sabio, ainda que seja um homem de genio quer ser mais—quer ser um homem falado e por isso não tem duvida em subir ao estrado.

O entrainment é geral, a ponto que aqueles que parecem não ir na corrente, nos causam uma desconfiança immediata; a modestia é-nos suspeita e a simplicidade parece-nos impostura.

A cabotinagem estende-se a todas as pessoas e penetra todos os sentimentos.

Ha a cabotinagem do vicio como ha a cabotinagem da virtude. A caridade que faz ao publico a confidencia das suas esmolos, a piedade de que se exhibe, a piedade que se ostenta, a austeridade que se elogia, a gravidade que pontifica, o desinteresse que se apregoa, a abnegação que se faz valer, a resignação que faz barulho, o desespero que não se oculta, o dor, que faz sangrar as suas feridas aos olhos dos indiferentes, são outras tantas variedades da cabotinagem sem falar nas paixões do amor em que a cabotinagem tem um lugar por tal forma adequado que lhe chega a parecer natural e que difficilmente nos impressiona quando com elle a encontramos.

Conhece-se o fenomeno produzido com a gente de teatro que traz para a vida os costumes da scena e continua naquella o representar o seu papel. Passa-se o mesmo com os cabotinicos que enxameiam na sociedade. Fora dos olhares do publico e longe da galeria, não chegam nunca a reintegrar-se. O ser artificial transformou o ser natural. Sem espectadores eles continuam a representar. Tornam-se assim o seu proprio publico e no foro latimo, no foro da sua consciencia, cabotinam para si proprios. E é assim que a cabotinagem não atinge apenas a superficie do ser; vai até ao fundo do individuo. Nascida das condições de vida da sociedade moderna é ella que amassa, recorta e delinea o homem de hoje.

A cabotinagem existiu em todos os tempos. E' tão antiga como a vaidade, da qual, ella é uma manifestação grosseira e uma forma exasperada.

Como vê ha aqui carapuças tachadas para muita gente e especialmente para o nosso simpatico Dias Sancho, que sem querer, sem dar por isso, tem feito a mais desenfreada cabotinagem. Tomando tudo isto ao pé da letra é difficilissimo de encontrar um artista que não tenha a sua ponta de cabotinismo e chega a gente a convencer-se de que o cabotinismo na arte e na literatura é ás vezes um elemento de successo. Diz-se que o cabotinismo do sr. Julio Dantas consiste em não sentir o que escreve e em pre-

parar as suas produções a frio como um quimico num laboratório como Sardou preparava as suas peças, reunindo e organizando todos os elementos que costumam produzir o aplauso da multidão. Creio que não temos o direito dessas investigações, mas apenas de avaliar as peças do sr. Dantas pelo que valem. Alem disso a vida de trabalho do sr. Julio Dantas merece a todos os homens de boa fé o maior respeito. Ele começou trabalhando no meio da hostilidade da critica azeda e destruidora que muitas vezes é capaz de fazer perder a cabeça a um santo. Não influo no seu espirito a parte aggressiva dessa critica. Ele continuou o seu trabalho serenamente, aperfeiçoando-se e respondendo com novas produções a novas aggressões. Não é isto um grande exemplo de trabalho artistico e literario?

Não será isso a demonstração mais cabal de que o seu espirito nada tem de cabotino? Não será isto a prova completa de que ele trabalha com toda a preocupação pela sua arte e que não procura o successo com que os cabotinicos usam contentar-se? Parece-me que sim e a vida literaria do sr. Julio Dantas e a maior condenação da vida *tapageuse* com que o sr. Sancho pretende conquistar glorias e os seus amigos n'lo pretendem impingir como artista já feito.

—Amigo Eugenio, accusar é facil, provar é que é mais difficil.

—Admiraveis palavras, meu estimadissimo cliente, e se o nosso simpatico Dias Sancho, as tomasse na devida conta, não teria eu agora que estar aqui a metel o dentro do tamanho que lhe é proprio e a ver se consigo fazer-lhe ver que anda por caminho errado!

Para mim essas palavras tem uma resposta facil. Basta-me apresentar a vida artistica do amigo Sancho, poeta sem poemas, em preiteiro de films sem films, dramaturgo estrelando-se no glorioso e difficilissimo genero psicologico das revistas do ano em que até o gloriosissimo toureiro Manoel dos Santos já tambem deu as suas provas, sobrelevando-a e agora, desenhador impressionista sem perder as qualidades commerciaes de bom sanbrazenso, isto é, desenhando os seus bonequinhos para a formosa galeria de arte da Camara de Faro, esta galeria que não conhece o grande artista Falcão Trigo, que esse sim é glorioso e tão algarvio, tão regional como as alfarrobeliras e as amendoeiras em flor com as quaes tem composto e feito conhecer uma verdadeira epopeia da natureza e das belezas do Algarve! E é um rapaz com todas estas *rapaziadas* que se arvora em critico truculento dos grandes escritores portuguezes, achando nesses escritores defeitos horribes que por um estado inexplicavel de amenesia aguda e de paranoia agitada, nele proprio se transformam em qualidades gloriosas!

(Continua).

Paschoal Segredo.

A Camara Municipal de Faro diz da sua justiça

Do sr. presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Faro recebemos, e com prazer publicamos, a seguinte carta, explicando uma referencia que aqui foi feita á administração daquella corporação administrativa:

...Sr. Director d'«O ALGARVE»
Respondendo á local do seu acreditado semanario que nota a accusação á Camara de gastar quantias fabulosas, sem utilidade de aparente, nos jardins da cidade, venho informar convenientemente v. para que em seu alto criterio possa ajuizar como for mister.

Permitta-me, porém, que recorde ter sido o jornal de v. um dos mais activos reclamantes contra a deficiência dos nossos jardins, e assim permitta-me tambem v. que afirme ter a Camara procurado corresponder a essa reclamação, que, por parte de v., era o justo eco da opinião publica.

Posto isto informo v. que em

NOTAS
E
COMENTARIOSDE RASPÃO
CORAGEM

Quando da sua recente estada em Portugal, o generalissimo Diaz contou no Porto a seguinte historia:

«Uma inesperada visita que fizera a uma unidade, encontrara um soldado a chorar. Inquirindo do motivo, veio a saber que estava condenado a morte porque dera uma prova de covardia, recusando-se a ser portador duma nota a um posto de batalha, com receio do bombardeamento.

—Tenho medo, meu general—dizia o soldado, banhado em lagrimas.

—Não podes ser—respondeu o general—Anda d'aí. Vem comigo.

E os dois avançaram. Animado o pobre rapaz virou-se para o seu chefe supremo e declarou, resolutor:

—Meu general. Já não tenho medo. Vou e trago já a resposta.

E partiu, debaixo dum chuva de metralha. Dentro de algum tempo, trouxe a resposta.

Livrara-se do fuzilamento.

Casos identicos encontram-se magnificamente descritos num não menos magnifico livro de Samuel Smiles—«O Carácter»—onde, a propósito dele se leem estas sugestivas palavras:

«A energia do caracter tem sempre a força de evocar energia nos outros. Atua por meio da simpatia, um dos agentes humanos muito ativos. O homem zeloso e energico leva os outros a fazer o mesmo. O seu exemplo é contagioso, e compõe a imitação. Emerge uma especie de força electrica, que manda um tremor a todas as fibras—penetra na natureza daquelles que o cercam, e fa-los lançar chispas de fogo».

Quando se tomam a serio os nossos problemas vitais, pondo o bem geral do povo portuguez acima de todas as paixões?

Manoel Caelano de Sousa

Neerologia

Mais uma vez a cruel e negra Parca veio arrancar aos carinhos duma familia e á extrema solicitude dos seus amigos um jovem, cujas excellas qualidades eram o enlevo de quantos o conheciam.

Ele é João Vicente de Almeida Cruz, um genio artista, duma inspiração edificante. Coursou o liceu até ao 3.º ano indo depois para a capital onde a sua vocação por tudo quanto é belo o conduziu cheio de um ardor inextinguível e encantado por ver realizado o seu mais ardente anhel: ser pintor!

Todos os estabelecimentos de ensino desta cidade prestaram a derradeira homenagem áquele que em vida foi sempre um aluno distinto e cheio de merito honrando-o com a sua presença.

Era filho do sr. José Joaquim Pinto da Cruz, professor official nesta cidade a quem causou um mortal desespero o passamento de tão desvelado ente.

A' desolada familia as mais sinceras condolencias.

Faleceu em Portimão, Emilia de Sousa Calça, que em tempo foi corista nos teatros desta cidade.

Victima de uma explosão de gazolina faleceu em Estombar o sr. Joaquim José Marreiros.

Faleceu nesta cidade o engenheiro auxiliar sr. Severino de Jesus Rodrigues, que interinamente estava dirigindo a direcção das obras publicas deste districto.

Contava 68 anos, era natural de Valença e pelas suas qualidades muito estimado dos seus colegas de repartição.

HA 44 ANOS

D'«O Districto de Faro» de 17 de maio de 1877

Uniram-se pelos laços matrimoniaes o nosso amigo sr. José Vaz Palma, intelligente empregado da administração control do correio de Faro, com a ex.ª viúva de sr. Francisco José Carvalho.

Dignos são os conjuges das maiores venturas, como sinceras são as felicitações que tomamos a liberdade de dirigir lhes pelo seu enlace.

—Vae estabelecer-se em Lagoa, como facultativo municipal, o sr. dr. Antonio Frederico Gomes, que ha pouco terminou os seus estudos na Universidade de Coimbra.

—Foi julgado de novo e condemnado á morte o tristemente celebre Antonio Coelho, assassino do desditoso alferes Palma e Brito.

Companhia de Moagem do Algarve

Assembleia Geral extraordinária

Convoco os Srs. Accionistas a reñirem em Assembleia Geral extraordinária, no dia 7 de junho, pelas 13 horas, no escriptorio da Companhia, afim de se deliberar sobre a elevação do capital social.

Faro, 10 de Maio de 1921

O Presidente da Assembleia Geral

José Francisco da Silva

Vende-se uma armação e monturas de uma ourivesaria

Dirigir a esta redacção.

Companhia de Seguros
ALGARVE

Relatório da administração
Contas e parecer do conselho
fiscal do 3.º exercicio findo em 31 de dezembro de 1920

Senhores accionistas

Cumprindo as disposições estatutarias temos a honra de vir submeter ao criterioso exame de V. Ex.ª o relatório e contas da nossa administração durante o anno social de 1920.

E' com legitima satisfação, senhores accionistas, que apresentamos o resultado da nossa gerencia, porque ele demonstra que já mais nos afastamos da rigorosa conduta que os superiores interesses da Companhia exigiam. E tambem nos é especialmente grato concluir da elegancia dos numeros do balanço que V. Ex.ª apreciarão, que a nossa Companhia disfruta já hoje de uma situação economica e financeira esplendida a todos os titulos, o que justifica cabalmente a muito accentuada preferencia que honrosamente recebe de uma clientela cada vez mais numerosa.

Continuamos, como nos cumpria e como foi sempre parecer do nosso preado Director-Tecnico, a quem prestamos toda a nossa homenagem, a usar da maior prudencia na fixação de responsabilidades resguardando o mais possivel de forma que a nossa Companhia pudesse sempre responder cabalmente pelos encargos tomados. E que nunca a ALGARVE deixou de satisfazer inteiramente as responsabilidades, a seu cargo, prova-se sem sombra de duvida pela verba de sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920, que ascende a escudos 229.817\$34,5, sem que um unico incidente judicial se produzisse, o que prova bem o criterio conciliador que sempre seguimos de inteiro accordo com a orientação do nosso Director-Tecnico.

Atravessa a industria de seguros uma crise assaz grave, derivada de circunstancias varias, e quanto a nós bem no a prova a importante verba de esc. 173.413\$49,5 que temos a receber de quotas partes de sinistros e premios, sem que, apesar de todos os nossos e esforços tenhamos conseguido a regularidade de liquidações que tanto seria para desejar, como sintoma de uma situação desafogada.

Todavia a ALGARVE tem caminhado firmemente e no balanço adiante inserto encontrarão V. Ex.ª a confirmação de quanto deixamos exposto.

Resta-nos, senhores accionistas, antes de propormos a partilha dos lucros realizados neste exercicio, chamar a vossa esclarecida attenção para a quantia de esc. 40.000\$00 que entendemos levar a fundo de reserva para sinistros a liquidar. Julgamos indispensavel este procedimento para o equilibrio financeiro da nos-a Companhia ficar a coberto de toda e qualquer surpresa. E estamos certos de que V. Ex.ª nos darão o seu apoio a este modo de ver, pela consideração de que ele é o mais conveniente ao bom nome e rigoroso prestigio da nossa Companhia.

E posto isto, senhores accionistas, deixem-nos V. Ex.ª pôr em relevo o valor e dedicação de todos os nossos cooperadores, entre os quaes queremos destacar o nosso distinto Director-Tecnico, o sr. Joaquim Ribeiro da Cunha e os nossos valiosos Delegados em Lisboa srs. Ribeiro da Cunha, L.ª. A todos eles, director tecnico, delegados, inspectores, agentes, correspondentes e empregados de escriptorio, consignamos o nosso profundo reconhecimento.

Ao saldo de lucros e perdas temos a honra de propôr a seguinte distribuição:

PROPOSTA

Para elevar o fundo de reserva legal a 20.000\$00 Esc.	649\$65
Reserva para fundo de prejuizos eventuaes....	324\$82
Reserva para fundo de amortisação de capital...	162\$41
O que prefaz o total de.....	1.136\$88
O qual deduzido de.....	15.655\$85,5
deixa o saldo de.....	14.518\$97,5
a distribuir nos termos do art.º 43 dos nossos estatutos, e para o qual propomos a seguinte applicação:	
Para dividendo aos accionistas livre de todos os impostos.....	Esc. 6.000\$00
Para cumprimento do § 1.º do art. 15.º e § 1.º do art. 21 dos estatutos.....	1.643\$81
Para amortisação da conta «Despesas de Instalação».....	510\$45

Para amortisação da c/ «Mobiliario».....	233\$82
Para amortisação da c/ «Impressos, Chapas e Bandeiras Agricolas».....	708\$71,5
Para fundo de previdencia aos empregados da Companhia.....	1.000\$00
Para contribuições e conta nova.....	4.422\$18
	14.518\$97,5

Faro, 7 de Abril de 1921

Os administradores
João de Sousa Uva,
Antonio Miguel Galvão,
José de Sousa Uva.

Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1920

ACTIVO

Accionistas	Sua responsabilidade	540.000\$00
Agentes	Saldo devedor de diversos	23.616\$43
Caixa	Saldo em cofre	7.793\$02
Caixa Geral de Depósitos	Deposito de Garantia constituído em papeis de credito	25.000\$00
Consortium Portuguez	Saldo d'esta conta	1.000\$00
Depositos á ordem	Saldo d'esta conta	62.758\$10
Despesas de Instalação	Saldo d'esta conta	5.104\$55
Devedores e credores	Saldo dev. de diversos	6.583\$31
Impressos, chapas e Ban. Agr.	Saldo d'esta conta	1.708\$71,5
Letras a receber	Saldo d'esta conta	2.700\$00
Mobiliario	Saldo d'esta conta	2.333\$22
Quotas-Partes de Sinistros	Importancia a cobrar de div. Companhias	43.567\$52
Salvados de sinistros	Importancia a cobrar de diversos	1.072\$95
Seguros a receber	Premios e selos a cobrar na Sede e na Delegação de Lisboa	172.173\$90
Titulos depositados em caução	Cauções de diversos	8.000\$00
		903.416\$71,3

PASSIVO

Capital	Sua importancia	600.000\$00
Agentes	Saldo credor de diversos	928\$03
Comissões	Saldo credor de diversos	59.140\$63,5
Credores de titulos depositados	Cauções de diversos	8.000\$00
Delegação de Lisboa	Saldo desta conta	132.822\$98
Devedores e credores	Saldo credores de diversos	100\$86
Dividendos	Por pagar de 1918	130\$00
	» 1919	2.770\$00
Fundo de presidencia	Saldo desta conta	1.000\$00
Fundo de Reserva Legal	Saldo desta conta	19.350\$35
Fundo de reserva para Prejuizos Eventuaes	Saldo desta conta	1.263\$17
Reserva de garantia	Constituida até 1919	2.476\$81
	» em 1920	3.523\$19
Resseguradoras	Saldo credor de diversas	15.623\$25,5
Reserva para sinistros a Liquidar	Pela que se constituiu	40.000\$00
Fundo de reserva para amortisação de capital	Saldo desta conta	631\$58
Ganhos e Perdas	Saldo desta conta	15.655\$85,5
		903.416\$71,3

O Guarda-Livros—LUIZ DA SILVA COELHO

Parecer do Conselho Fiscal
sobre o relatório de 1920

Cumprindo as disposições legais e estatutarias vimos apresentar a V. Ex.ª o nosso parecer sobre as contas e actos desta Companhia durante o anno de 1920.

Pelo relatório do Conselho de Administração, a cuja conduta nos apraz prestar sincera homenagem, bem como pelo exame de balanço e contas, a cuja conferencia procedemos rigorosamente, verificamos, e por igual o verificamos V. Ex.ª, que a nossa Companhia se encontra numa situação de franca prosperidade, apesar das dificuldades de toda a ordem que tem asoberbado a industria de seguros.

E' bem justificado, pois o bom credito de que a nossa Companhia goza em todo o pais, e porque elle deriva não só das suas excellentes condições financeiras mas tambem da ordem em que se encontra a escripturação e valores existentes, como escrupulosamente contatamos, temos a honra de vos propôr:

1.º—Que aproveis o relatório, balanço e contas apresentadas pela Administração;
2.º—Que aproveis as propostas da distribuição de lucros constantes do mesmo relatório e balanço;
3.º—Que consigneis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma intelligentemente criteriosa como dirigiu os interesses da nossa Companhia.

Faro, 10 de abril de 1921

O Conselho Fiscal

(a) Artur Francisco d'Alaide Veiga Pardo da Silva Leal

(a) Antonio Moreira de Sousa

(a) Manuel Pedro Guerreiro

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920

229.817\$34,5

A POLITICA

Todos os algarvios sabem o que é a politica de Loulé. Até aqui, porém, todo esse fervilhar de ambições, vaidades, odios e interesses, se achava circunscrito áquella vila, em que, apesar de toda essa actividade morbida gasta em prejuizo de obras mais proveitosas, se trabalha e produz muito. Era porém, de prever a expansão extremos, dessa força que ali se manifesta nos mais estranhos conflictos.

Em Faro principia ella a fazer das suas. Um funcionario transferido dali havia conseguido obter aqui um emprego particular que lhe aumentava os seus proventos pouco em harmonia com as despesas de uma numerosa familia. Os correligionarios que, segundo ellas dizem, tinham obtido o lugar, foram para Loulé, apregoar tal serviço no intuito e com ares de fazerem perder de raiva os contrarios. Estes que não precisam de exaltações para responderem prontamente a qualquer repto, pozeram-se em campo e vão arranjar maneira de destruir a obra dos adversarios.

Entre estas duas pedras chocando-se ficará esmagado o pobre homem que, já longe da arena, se apanha no abrigo da catastrophe.

Pela nossa parte o que sentimos é que os louletanos não contentes com a arena de Loulé tenham transportado para Faro o reflexo das suas lutas e tenham instalado aqui os templos culminantes da sua fé politica. Esta terra sem sido até agora uma terra socegada e quer continuar a sê-lo para gastar a sua energia em coisas sérias e proveitosas.

Tudo isto que possivelmente não é reconhecido pela opinião publica, representa um enorme esforço e para se fazer só com a verba gasta determinou rigores de economia, que muito foram auxiliados pelas generosas ofertas dos srs. Alfredo da Silva, dr. Ramalho Ortigão, Samuel Sequerra, dr. Virgilio Inglez, comendador Ferreira Netto e Manuel Fonseca.

Presumo, sr. director que a Câmara pode este anno começar a apresentar os jardins de forma honrosa para a cidade e que a organização que tem presidido a estes serviços ha de dar resultados benéficos pela receita apreciavel e importante que se ha de realizar pela venda de plantas, flores e arvores.

De resto, sr. director, creia que o maior desejo da Câmara é acertar e satisfazer tanto quanto possível as exigencias da cidade. Para isto conta a Câmara com o auxilio de todos os municipios e nomeadamente com o bom e valioso apoio de v.

Sou com a mais subida consideração,

De V. etc.

O Presidente da Comissão Executiva da Câmara,

Antonio Galvão

NOTICIAS PESSOAES

O sr. Alfredo da Silva, desta cidade, foi passar uma temporada ás Caldas de Monchique com sua familia.

—Esteve em Faro o sr. dr. Frederico Cortes de Menezes, de Albufeira.

—Regressou de Lisboa o sr. J. Th. de Almeida Coelho Junior.

—Esteve em Faro o sr. Deodoro da Fonseca Rodrigues Carneiro, de Lagos.

—Esteve nesta cidade, o sr. Antonio Cordes Mascarenhas Azevedo, proprietario de Almodovar.

—Vimos nesta cidade o sr. Adelfino Rocha, de Silves.

—Seguiu na passada terça feira para as suas propriedades do Alentejo o importante lavrador sr. Francisco Martins Caiado, desta cidade.

—Está nas Caldas de Monchique o sr. José Saraiva.

—Parte hoje para Odemira, em serviço da sua profissão, o sr. dr. Julio de Lemos Correia Leal, que ali conta demorar-se toda a semana.